



ESCALADA DO FOGO

MATA EM CHAMAS NA RAJA GABAGLIA, EM BH

MINAS ARDE E RESPIRA FUMAÇA

Estado já registra **4.857** focos de incêndio, número **76%** acima da média para o período nos últimos 10 anos. No rastro das chamas, matas devastadas e ar poluído

MARCOS VIEIRA/EM/DA PRESS

O

número de focos de incêndio que consomem as matas mineiras cresceu 76% de 1º janeiro até ontem (26/8) na comparação com a média de registros em igual período dos 10 anos anteriores. Segundo o monitoramento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em média, foram registradas 2.755 fontes de calor no período entre 2014 e 2023, número que subiu para 4.857 neste ano. Além do prejuízo ecológico, outros, como a deterioração da qualidade do ar, se somam no rastro do fogo.

As chamas destruíram áreas de grande relevância ambiental, em reservas como o Parque Nacional da Serra do Cipó, onde as labaredas arderam por quatro dias ininterruptos, combatidas por bombeiros e brigadistas. E também prejudicaram o abastecimento elétrico de 160 mil consumidores, ao danificar a rede transmissora, segundo a Cemig. O fogo já se espalhou em 78,6% mais áreas do que no mesmo período de 2023. Não se tem tantos focos assim desde 2010, quando Minas registrou 5.257 fontes de calor

MATEUS PARREIRAS, BRUNO LUIS BARROS E MARCOS VIEIRA

(veja quadro). O mesmo ocorre no Brasil, que já ardeu em 107.133 focos, 73,5% mais que os 61.718 registros do mesmo período do ano passado.

Considerando apenas o mês de agosto, o Inpe registrou 3.482 focos em Minas, o maior número desde 1998, quando o monitoramento por satélite foi iniciado. Até então, o agosto com mais registros havia sido o de 2010, com 2.444.

Os municípios mineiros do Norte, Noroeste e Triângulo Mineiro são os que mais apresentam focos de incêndio e o Parque Estadual da Serra do Cabral, no Norte mineiro, acaba de entrar para a lista das unidades de conservação que estão queimando. Um incêndio florestal que se iniciou na tarde de ontem destrói parte da região do Boqueirão dos Corrêa. Apenas para se chegar ao local é preciso aproximadamente duas horas de caminhada ou deslocamento de helicóptero, segundo o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG).

Até ontem, Lassance, no Norte do estado, lidera a lista dos municípios com mais focos de incêndio no ano (143). Em seguida vêm Uberaba, no Triângulo (124), Paracatu, no Noroeste (115), João Pinheiro, na mesma região (84) e Prata (67), no Triângulo. Na Grande BH, foram computados 139 focos de incêndios desde o início do ano.

Ontem, um incêndio atingiu mata perto da Avenida Raja Gabaglia, na altura dos bairros Alpes e São Bento, na Região Centro-Sul de BH. O fogo começou por volta das 16h e até o fechamento desta edição não havia sido debelado. Pelo menos cinco equipes foram deslocadas para combater as chamas, que ameaçavam residências e a rede elétrica, além de afetar a visibilidade da via. As chamas se concentraram na parte de trás do galpão da Escola de Samba Cidade Jardim, e destruíram carros alegóricos. A Cemig foi acionada para fazer a desenergização da rede elétrica nos pontos do combate aos focos.



MONITORAMENTO

FOCOS DE INCÊNDIOS

Monitoramento de focos de calor (média 2014 a 2023 vs Brasil e Minas Gerais)

Período	Brasil	Minas Gerais
2014	61.718	2.755
2015	63.500	2.800
2016	65.300	2.850
2017	67.100	2.900
2018	68.900	2.950
2019	70.700	3.000
2020	72.500	3.050
2021	74.300	3.100
2022	76.100	3.150
2023	77.900	3.200
2024 (até 26/8)	107.133	4.857

MATA QUIMADA DO AR





Incêndios se intensificam nos “oásis do sertão” e, mesmo depois de controlados na superfície, seguem na turfa no subsolo. No Peruaçu, 530 hectares foram destruídos

BRASAS VIVAS SOB A VEREDA MORTA

LUIZ RIBEIRO

Passados 40 dias do incêndio que consumiu cerca de 530 hectares de vegetação e devastou centenas de pés de birritis em área de proteção no Norte de Minas, o fogo continua “andando” por debaixo do chão, com a fumaça saindo de alguns pontos da vereda destruída. Um risco que assombra o Parque Estadual Veredas do Peruaçu e a Área de Preservação Ambiental (APA) Cavernas do Peruaçu, entre os municípios de Januária, Cônego Marinho e Bonito de Minas, no Norte do estado, consumidos pelas chamas que começaram em 18 de julho e exigiram mais de 15 dias de combates para que pudessem ser controladas.

Neste ano, na mesma proporção que os incêndios aumentaram em todo território nacional e no estado de Minas Gerais, o fogo também se intensificou na área das veredas, as fontes de água e de diversidade do sertão mineiro. Ao longo dos últimos anos, o fogo tem sido um grande inimigo das áreas de nascentes, conforme mostrou o Estado de Minas na série de reportagens “Veredas Mortas”, publicada entre 14 e 30 de julho.

De acordo com o Instituto Estadual de Florestas (IEF), há suspeita de que o incêndio na vereda do Peruaçu, que também foi documentado pelo EM, tenha sido criminoso, o que é objeto de investigação aberta após registro de boletim de ocorrência pela Polícia Militar (PM).

Assim que começou o incêndio, foi mobilizada uma força-tarefa para o seu combate, envolvendo equipes do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais (CBMMG), brigadistas, servidores de órgãos ambientais e de prefeituras da região, além de voluntários. Também foram usados helicópteros e aviões Air Tractor, do Programa de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais (Previncêndio), coordenado pelo IEF.



As equipes combateram as chamas por mais de 15 dias e conseguiram controlar o incêndio na superfície depois da destruição de mais de 500 hectares. No entanto, passados quase 40 dias do incêndio, ainda se vê fumaça em alguns pontos da área destruída. O gerente regional do IEF em Januária, Mário Lúcio Santos, explica que o fenômeno se verifica por causa da turfa, material orgânico da vereda, que dificulta a eliminação total do fogo nesse tipo de ambiente. “Turfa é o material orgânico que fica abaixo do solo. Esse material, quando úmido, funciona como uma esponja, acumula água nas chuvas e a libera lentamente nos períodos de seca. Entretanto, com a diminuição das chuvas e rebaixamento do lençol freático, a turfa resseca e se torna altamente combustível”, explica Santos.

“Hoje, continuamos com monitoramento e rescaldo em algumas áreas, onde o fo-

go só será eliminado na sua totalidade quando chegarem as chuvas, pois, a turfa, devido à sua profundidade, que chega até a quatro metros ou mais, vai queimar ainda por um bom tempo”, relata o gerente do Parque Estadual Veredas do Peruaçu, João Roberto de Oliveira Barbosa. “Há mais de 30 anos não ocorria incêndio de tal proporção na Vereda do Peruaçu, dentro do Parque Estadual Veredas do Peruaçu. Foi uma destruição total, em uma área com mais de 20 quilômetros de extensão somente dentro da vereda”, afirma.

João Roberto descreve os prejuízos “incalculáveis” causados à biodiversidade. “Todo fogo em vereda é superdanoso, pois termina eliminando a flora e fauna existente na região. Para se ter uma ideia, já encontrei três antas mortas e queimadas (na área destruída pelo incêndio), sem contar outros animais”, lamenta o analista ambiental.

O gerente regional do IEF de Januária ressalta que enquanto não chover na região – o que deve ocorrer somente em outubro ou novembro –, as equipes de brigadistas precisam ficar vigilantes para não deixar que o fogo avance pelo subsolo na turfa e atinja as áreas do Bioma do Cerrado ao redor da vereda. “O risco maior é que o fogo (da turfa) escape das veredas e se espalhe pelo cerrado, que está extremamente seco nesta época do ano”, alerta Mário Lúcio Santos.

ALERTA

Em meio ao segundo dia consecutivo de forte nevoeiro em diversas regiões brasileiras, proveniente da fumaça de incêndios registrados no Norte e no Sudeste do país, o Ministério da Saúde orientou que a população evite, ao máximo, a exposição ao ar livre e a prática de atividades físicas. A diretora do Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, Agnes Soares, alertou que o risco é maior para crianças e idosos, além de pessoas com doenças pré-existent, como hipertensos e diabéticos. Outro grupo que deve se manter vigilante é o de pessoas com alergias e problemas respiratórios, como asma e bronquite crônica.

Segundo Agnes, essas populações reagem de forma mais rápida e intensa à contaminação por fumaça. Durante coletiva de imprensa ontem, ela destacou que, caso haja extrema necessidade de circular em ambientes abertos, que as pessoas utilizem alguma forma de proteção, como máscaras e bandanas de tecido.

Os possíveis sintomas da exposição à fumaça, de acordo com a secretária, incluem ardência nos olhos, irritação na garganta e sensação de fechamento da laringe; além de manifestações mais sérias e que podem sinalizar que o pulmão foi afetado, como o chiado característico da bronquite. Pessoas mais sensíveis podem fazer uso de máscaras que permitam a filtração de partículas finas do ar. ■

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 26, 27 e 28